

MARX, BAUMAN E FRANKFURT: UMA INTRODUÇÃO À DISCUSSÃO MODERNA SOBRE A DIALÉTICA ENTRE 'ALIENAÇÃO' E 'EMANCIPAÇÃO' NA SOCIEDADE CAPITALISTA E PÓS-CAPITALISTA

Marx, Bauman and Frankfurt: an introduction to the modern discussion on the dialectic between "alienation" and "emancipation" in capitalist and post-capitalist society

Willame Viana da Silva Junior¹
Antônio Hélio Rocha Alves²

RESUMO

O trabalho tem o objetivo de evidenciar a complexa relação entre alienação e emancipação em Marx, Bauman e os frankfurtianos, observando se é factível encontrar semelhanças em suas abordagens sobre a emancipação de causas em níveis macro e microcosmo do corpo cívico que resultam em um ser acrítico. Assim, analisaremos a subversão e até que ponto a deturpação da consciência dos indivíduos é perceptível em um mundo dominado pela presença de estruturas que cobiçam desinteressá-los de sua própria autonomia. Adrede, será feita uma relação entre a percepção de Marx sobre as circunstâncias dos operários das “escolas” de sua época, para demonstrar a importância de uma visão pragmática do contexto histórico-social e de uma perspectiva de um ser capaz de captá-la. Ademais, iremos aprofundar a visão de Marx em um passeio pela concepção neomarxista da Escola de Frankfurt, principalmente do seu estudo sobre o comodista moderno que culminou na gênese da Teoria Crítica, ressaltando até que ponto a mídia é capaz de modificar o ser, limitando-o a um inerte cognitivamente, à medida que a Indústria de Massa passa a controlar o homem e todas as suas relações. E como isso foi fundamental para compreender a atual realidade que Bauman afirma ser líquida e com relações efêmeras, principalmente a alienação do ser consigo mesmo. A pesquisa demonstra como a complexa relação do ser com o anseio pela libertação e, ao obtê-la, prefere abjurá-la como meio de fugir das responsabilidades está presente imemorialmente e como a tentativa de compreendê-la é necessária para revitalizá-la, pois a mudança da liberdade não é externa ao indivíduo, mas presente na natureza, deixando de lado um juízo de valor bom ou ruim; mas compreendendo o valor formativo intrinsecamente e expondo seu alcance psicológico - principalmente na subversão identitária do paradigma preestabelecido da visão da participação na sociedade líquida.

Palavras-chave: Marx; alienação; emancipação; Bauman; Escola de Frankfurt

ABSTRACT

¹ Graduando em Filosofia UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: willamejunior1237@gmail.com

² Graduando em Filosofia UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: heliorochaluz@gmail.com

This study aims to highlight the complex relationship between alienation and emancipation in Marx, Bauman, and the Frankfurt School, examining whether similarities can be identified in their approaches to emancipation at both macro and micro levels of the civic body, which result in an uncritical individual. Accordingly, the analysis explores subversion and the extent to which the distortion of individual consciousness is perceptible in a world dominated by structures that seek to distance individuals from their own autonomy. To this end, the paper establishes a connection with Marx's perception of the circumstances of workers in the "schools" of his time, emphasizing the importance of a pragmatic understanding of the historical-social context and of a subject capable of apprehending it. Furthermore, Marx's thought is expanded through an examination of the neo-Marxist perspective of the Frankfurt School, particularly its analysis of the modern conformist, which led to the emergence of Critical Theory. This discussion underscores the extent to which the media can reshape the individual, reducing them to a cognitively inert state as the Culture Industry comes to dominate human beings and their social relations. Such reflections are essential for understanding the contemporary reality described by Bauman as liquid and marked by ephemeral relationships, especially the alienation of the individual from the self. The research demonstrates that the complex relationship between the individual and the desire for liberation—and, once achieved, the tendency to renounce it as a means of escaping responsibility—has existed since time immemorial. Understanding this dynamic is necessary to revitalize the concept of freedom, recognizing it not as something external to the individual, but as intrinsic to human nature, beyond judgments of good or bad, while emphasizing its transformative and psychological scope, particularly in the identity subversion of participation within liquid society.

Keywords: Marx; alienation; emancipation; Bauman; Frankfurt School.

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho apresentará uma breve introdução à discussão sobre a liberdade e o estilo de vida crítico, uma das temáticas principais da filosofia e, muitos séculos depois, da sociologia. A sociologia foi criada no século XVIII, após a Revolução Francesa de 1789 e a Revolução Industrial inglesa, que consolidaram o modelo de produção capitalista. A sociologia, como disciplina, analisa e almeja alcançar soluções para os males que vieram com a consolidação do capitalismo. Até os debates contemporâneos sobre modernidade líquida, a questão central permanece: como o ser humano pode se libertar das estruturas que o aprisionaram?

Marx, participante da tríade clássica da sociologia, juntamente com Émile Durkheim e Max Weber, cada um a seu modo, buscou compreender os efeitos da modernidade sobre o indivíduo e sociedade, e propôs as ideias do antagonismo de classe vigente na sociedade da época e de como o contexto histórico, social, cultural e econômico são fatores que moldam e definem periodicamente o indivíduo, passando por um processo cíclico de mudança: "A produção de ideias, de representações, da consciência está, inicialmente, entrelaçada diretamente na atividade material e no intercurso material dos homens, a linguagem da vida real" (ENGELS; MARX, 2019, p. 16).

20). Assim, a necessidade de uma ideia e contexto que propiciem a emancipação diante da alienação das superestruturas, como escolas, famílias, religião, passou a ser um conceito fundamental.

Posteriormente, as ideias de Marx precisaram ser modificadas e moldadas ao contexto do século XX, o que se tornou factível com o aparecimento da Escola de Frankfurt, tendo como integrantes Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, entre outros. Observavam que o conceito de Marx, de que a economia é a base da sociedade, era ultrapassado, passando a focar em tópicos mais abrangentes, como a cultura e a consciência, com o auxílio da psicanálise na busca de compreender o comodismo cognitivo da população vigente e da cultura hegemônica através da Teoria Crítica.

Além disso, ao final do século XX, Zygmunt Bauman, filósofo polonês, buscou analisar a nova sociedade que estava surgindo e seus impasses, sendo nomeada de modernidade líquida. Esse nome sugere a ausência de solidez e como todos os aspectos mudam constantemente. Com um véu de positividade, revela-se uma enfermidade que assola o ser moderno e o torna apenas um consumidor e espectador do mundo, não um participante. Este trabalho busca articular essas três perspectivas, mostrando como a dialética entre alienação e emancipação se metamorfoseia ao longo do tempo, mas permanece como questão central da vida social.

Portanto, o trabalho dissertará as ideias de Marx e como foram modificadas ao longo do tempo e com a mudança da sociedade, passando pela modificação dos neomarxistas alemães até Bauman, que apresenta a necessidade de modificar novamente as ideias de Marx aos moldes do mundo contemporâneo, que não é mais o mesmo no quesito de liberdade.

MARX: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE UMA ANÁLISE CRÍTICA DO CAPITALISMO

A princípio, é necessário esclarecer a semântica de comunismo, que é a doutrina cujo objetivo é a análise dos valores que possibilitem a libertação da grande massa oprimida, que, em termos marxistas, é o proletariado² (Engels, 1982). Diante disso, alienação e emancipação são dois conceitos fundamentais nos Manuscritos Econômico-

² MEREZHKOVSKY, Dmitry Sergeyevich. *Les Mystères de L'Orient*, p. 54: «A palavra proletário vem do latim proles, posteridade, geração. Os proletários são os «produtores», geradores através do corpo, mas eunucos no espírito. Já não são nem homens nem mulheres, mas sim os temíveis ‘camaradas’, formigas impessoais e assexuadas do formigueiro humano.»

Filosóficos de 1844, Karl Marx de uma vez que representam a contradição encontrada na sociedade capitalista, modelo social e econômico que surgiu após o fim do Feudalismo, da Revolução Industrial na Inglaterra e da Revolução Francesa em 1789. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, idealista alemão dos séculos XVIII e XIX, apresentou o conceito de alienação partindo de uma relação dialética. Para ele, o espírito nega-se e, para superar esse estado de 'perdição', busca se reencontrar consigo mesmo, aprimorando-se com a nova experiência. Posteriormente, Ludwig Andreas Feuerbach, filósofo materialista alemão, modificou o conceito de alienação de Hegel para uma concepção materialista, prática, ou seja, antimetafísica. A partir disso, para Marx, sob influência de Feuerbach, a alienação seria o estado no qual o proletariado havia perdido a consciência em relação ao trabalho, aos bens materiais que produzem e, principalmente, a si mesmo.

A força de trabalho seria a única 'propriedade' fidedigna do trabalhador, pois o seu trabalho, o seu objeto e, até mesmo, o próprio ser pertenceriam a outrem, que, nesse contexto, seriam os donos dos meios de produção, os burgueses. Emancipação seria a retomada de consciência do operário sobre o seu lugar no mundo, a compreensão de ser dominado pelo proprietário. Assim, ele seria capaz de perceber a existência de uma luta de classes - "A sociedade toda cinde-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que directamente se enfrentam: burguesia e proletariado" (MARX; ENGELS, 1997, p. 15) - e a necessidade de combater a superestrutura vigente, como a escola, a religião e os meios de comunicação, que apenas servem para disseminar e conservar o poder da classe dominante.

Além disso, a alienação, para Marx, vai além do caráter econômico, alcançando até a esfera social, com a identidade e o valor do ser sendo determinados pela quantidade de bens materiais que possuem, descartando completamente a singularidade e o próprio caráter do indivíduo. 'Aquilo que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção'. Assim, a sociedade capitalista desumaniza o ser, observando-o apenas como um meio de obtenção de mais renda, uma máquina cuja função é apenas enriquecer o seu 'dono', enquanto, simultaneamente, vai ficando mais e mais pobre. Marcelo Andrade - professor de história brasileiro - foi capaz de sintetizar em sua obra *O Marxismo Exposto* (2023) o pensamento de Marx em relação à alienação:

Ele é separado de sua humanidade, seu “ser espécie” (Gattungswesen),

incapaz de realizar o potencial de criatividade e comunidade que nos torna verdadeiramente humanos. Ele está isolado de seus semelhantes, a quem ele considera como outras ferramentas desumanizadas também desempenhando funções “abstratas” (“usando máscaras”) (ANDRADE, 2023, p. 175).

A educação, segundo Tosi (2008), conforme o conteúdo de classe ao qual estiver exposta, ela pode ser uma educação para alienação ou uma educação para a emancipação. Na visão de Marx (2019), a educação seria uma das ferramentas utilizadas para perpetuar a ideologia³ capitalista, que consiste na ilusória consciência da realidade. Nesse contexto, o trabalho é visto como parte desse modo de vida no qual o indivíduo vive apenas para subsistir e recebe uma pequena parcela do valor real de seu trabalho (Mais-Valia). Isso cria a ilusão de uma norma social que parece partir do próprio indivíduo, mas que, na verdade, é imposta pela sociedade vigente. A educação proletária, antes de 1844, era extremamente precária, pois para contratar crianças para trabalharem nas fábricas era necessário um 'certificado' de que elas frequentavam as escolas. Todavia, qualquer casa e local poderia ser considerado um ambiente de ensino, mesmo que não fosse projetado para tal objetivo. As crianças eram apenas colocadas, mas não aprendiam nenhum conteúdo. Todo esse 'teatro' era apenas para a obtenção desse documento para que fosse possível colocá-las nas fábricas. Após 1844, a legislação mudou e, a partir desse momento, era necessário que as crianças aprendessem, mesmo que minimamente, o alfabeto e números. Uma mudança ínfima, mas fundamental para Marx, pois ele não era contra crianças trabalharem em fábricas, mas sim contra o modo oportuno, desgastante e precário das condições de trabalho. Marx considerava que a educação em tempo integral era desnecessária, visto que o trabalho manual e técnico nas indústrias era importante para o desenvolvimento da criança. Tinha a noção de uma educação de meio período, para que no outro momento fosse possível trabalhar.

Em relação à família, Marx e Engels possuíam uma visão pessimista, pois a família⁴ era, a princípio, a primeira estrutura do corpo social a promover a gênese do

³ DURAND, Jean-Pierre. A Sociologia de Marx, p. 110: «O termo ideologia foi forjado por Destutt de Tracy (1754-1836) e seus amigos, que pretendiam constituir uma “ciência das ideias”; no entanto seu significado desviou-se aos poucos, até chegar a conter uma conotação pejorativa.»

⁴ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista, p. 26: «Supressão da família! Até os mais radicais se indignam com este propósito infame dos comunistas. Sobre que assenta a família actual, a família burguesa? Sobre o capital, sobre o proveito privado. Completamente desenvolvida ela só existe para a burguesia; mas ela encontra o seu complemento na ausência forçada da família para os proletários e na prostituição pública. A família dos burgueses elimina-se naturalmente com o eliminar deste seu

pensamento da classe dominante na construção da criança. Tanto que queriam a abolição desse tipo de família. No lugar, seria adicionada uma educação dissidente, na qual a família não fosse capaz de influenciar a criança como em períodos anteriores da história.

A revolução seria a solução que Marx encontrou para diluir essa divisão social, pois, de acordo com ele, em *A Ideologia Alemã*, “o comunismo não é para nós um estado de coisas a ser estabelecido, um ideal pelo qual a realidade deverá se pautar. Nós chamamos comunismo o movimento real, que abole o estado de coisas atual”. Isso resultaria na vitória operária e no apoderamento dos meios de produção e do Estado, que instauraria a Ditadura do Proletariado, “um longo processo durante o qual transformaria a produção e o Estado de acordo com seus interesses de classe para chegar ao comunismo. A fase transitória é a do socialismo” (DURAND, 2016, p. 97).

Posto isso, a sociedade comunista, pós-capitalista, seria uma comunidade sem classes, ou seja, ausência de exploração de determinado grupo, com o objetivo de engrandecer outro. Um ambiente mais justo e próspero, com relações de trabalho agradáveis e que engrandecem o ser, olhado como um humano, não mais como ferramenta. A inexistência da propriedade privada, do acúmulo excessivo de capital e da família 'tradicional' existente na sociedade capitalista e, principalmente, a desintegração do 'eu' individual, para o nascimento do ser coletivista, cuja função é a prosperidade da totalidade cívica.

A educação⁵ passaria a servir como meio para alcançar o novo ideal de homem comunista: através de uma educação mental, tecnológica e física seria factível realizar essa superação. Um ser capaz de estar acima do aristocrático e burguês. As crianças ainda trabalham nas fábricas, mas com horário determinado por faixa etária.

Em última análise, as críticas de Marx e Engels permanecem válidas até os dias atuais. Tossi (2009) demonstra que a educação passou por mudanças radicais ao longo do tempo, mas isso não significa necessariamente que ela tenha se tornado emancipadora, buscando libertar o ser do estado de escravidão. O ensino em si melhorou, porém, com o objetivo de criar profissionais altamente qualificados para o mercado de trabalho. No

complemento, e ambos desaparecem com o desaparecer do capital. Censurais-nos por querermos suprimir a exploração das crianças pelos pais? Confessamos este crime.» Trad.. José Barata Moura. “Avante!”, 1997.

⁵ ENGELS, Friedrich. Princípios Básicos do Comunismo, p. 36: «Educação de todas as crianças, a partir do momento em que podem passar sem os cuidados maternos, em estabelecimentos nacionais e a expensas do Estado. Combinar a educação e o trabalho fabril.»

entanto, esses profissionais ainda possuem a mesma mentalidade de servidão dos tempos antigos. A autonomia cognitiva é apenas uma ilusão, sob um véu de aprendizado real, mas com a mesma premissa retrógrada.

TEORIA CRÍTICA E EFEMERIDADE: UMA ANÁLISE METAMÓRFICA DO CORPO CÍVICO A PARTIR DOS FRANKFURTIANOS A BAUMAN

Zygmunt Bauman, expoente filósofo do século XX, lançou na reta final do milênio passado sua grandiosa obra: *Modernidade Líquida* (2001). O objetivo dessa obra é realizar uma análise da sociedade contemporânea e de como ela passou por uma transição de solidez (um corpo cívico mais duradouro e a forte presença de um capitalismo pesado) para liquidez (um mundo no qual nada é fixo, mas efêmero e provisório em seus aspectos macro e micro sociais e culturais).

Em relação à sociedade líquida, o autor afirma que todos os seus sistemas de relações intersociais são passageiros e falhos, pois a sociedade não é mais formada por cidadãos (seres que almejam o bem-estar coletivo), mas por indivíduos - integrantes que procuram benefício apenas para si, ocasionando uma competição exacerbada, uma guerra disfarçada de paz. A efemeridade vai além disso, visto que alcança até a temática da construção e desconstrução das identidades de cada ser, pois o consumismo está tão enraizado na gênese da sociedade vigente que o consumo e as experiências são as bases para defini-lo, resultando na inexistência de um “eu” concreto e na aceitação de um “eu” que está externo ao sujeito, focado mais em apresentar-se aos seus semelhantes como um possuidor de bens materiais elevados do que em desenvolver uma identidade e espírito verdadeiramente livres e autônomos.

Nesse sentido, entra em voga a relação entre Bauman e a Teoria Crítica⁶ dos frankfurtianos, mais especificamente Herbert Marcuse. Essa teoria seria uma maneira de renascer o Marxismo, pois as hipóteses de Marx já estavam ultrapassadas com a solidificação de um novo capitalismo, a Primeira Guerra Mundial e a existência da indústria de massa⁷. “Assim é que ressuscitaram o idealismo dialético de Hegel e

⁶ BRECHANI, Carlos Eduardo. *Marxismo na Contramão do Bom Senso*, p. 160: «O Termo Teoria Crítica” foi utilizado pela primeira vez por Horkheimer, em um artigo publicado em 1937, intitulado “Teoria Tradicional e Teoria Crítica.”

⁷ ANDRADE, Marcelo. *O Marxismo Exposto*, p. 226: «A Escola de Frankfurt criticava também a indústria cultural, por acreditar que ela manipula o público e transmite a cultura e ideologia da classe dominante - no caso, da burguesia.»

investigaram Freud a fundo, criticando o modelo da “práxis”, característico da ortodoxia. Assim nasceu a Teoria Crítica” (BRECHANI, 2020, p. 156).

A consolidação de um novo modo de implantar e elevar o modelo capitalista a outro patamar foi a chave para o surgimento desse ideal. Observaram que o crescimento do consumismo e a ausência de reflexão consciente por parte da população, juntamente com a ilusória necessidade de obtenção de bens impulsionada pela grande mídia capitalista como uma busca falha por uma felicidade plena, permitiram essa ideia que se diferenciava do que eles chamavam de “marxismo vulgar” (o marxismo ortodoxo de Marx e Engels), com a vontade de buscar o pensamento crítico da população e, assim, libertar-se da alienação moderna para alcançar a autonomia.

Outro aspecto fundamental da Teoria Crítica foi a utilização da psicanálise freudiana, pois, como comentado anteriormente, os ideais provenientes da Teoria Clássica não eram suficientes para a realidade atual, sendo necessário expandir para a compreensão do consciente do indivíduo, buscando entender por que o ser contemporâneo não estava pensando em se rebelar, mas em um estado de inércia social.

Em síntese, buscam assimilar a origem da inércia (acomodação/sedentarismo cognitivo) do ser pós-moderno em rebelar-se contra a hegemonia, trazendo consigo o estudo da mente para possibilitar essa análise e encontrar uma resposta satisfatória e, subsequentemente, um método que permitirá a restauração da autonomia. Diante disso, Bauman afirma:

O principal objetivo da teoria crítica era a defesa da autonomia, da liberdade de escolha e da auto-afirmação humanas, do direito de ser e permanecer diferente. [...] a teoria crítica, no início, via a libertação do indivíduo da garra de ferro da rotina ou sua fuga da caixa de aço da sociedade afigida por um insaciável apetite totalitário, homogeneizante e uniformizante como o último ponto da emancipação e o fim do sofrimento humano — o momento da “missão cumprida” (BAUMAN, 2001, p. 28).

Aos olhos do sociólogo polonês, a Teoria Crítica é própria ao seu contexto histórico-social, dissidente da realidade atual, visto que a época era dominada por tiranias, o que ocasionava a busca pela liberdade das instituições que prendiam física e ideologicamente o indivíduo. Isso mudou, haja vista que, na era moderna, o indivíduo está livre dessas instituições, sendo responsável por suas próprias ações, o que resulta em

debates verossímeis e necessários sobre o livre-arbítrio, principalmente se a população está capacitada a usufruir dele; ao se utilizar da literatura grega “Odisseia” como analogia para o descompromisso com a liberdade, pelo comodismo de não necessitar escolher e, consequentemente, se responsabilizar por suas escolhas.

A análise comparativa entre Marx, Frankfurt, e Bauman revela uma linha de continuidade crítica: da alinhança estrutural no trabalho, passando pela alienação cultural no consumo, até a alienação existencial na liquidez contemporânea. Em todos os casos a emancipação aparece como tarefa difícil, mas necessária, exigindo tanto transformação estrutural quanto resistência cultural e reconstrução de vínculos humanos. Assim, a dialética entre alienação e emancipação permanece atual, desafinado-nos a pensar novas formas de liberação em um mundo cada vez mais complexo.

Partindo disso, há a necessidade da renovação da crítica, pois, mesmo com mais autonomia que em períodos anteriores, o ser ainda se demonstra irresponsável e acrítico. Assim, a crítica não foi dissolvida, mas necessita ser revitalizada para se encaixar na contemporaneidade. Torna-se prudente reavaliar as ideias propostas pela escola clássica para criar uma nova abordagem, que seja capaz de unir a filosofia (entendida como conhecimento que, ao cair nas mãos dos não iniciados, é capaz de perder a sua essência e pureza, passando a significar opinião) e a práxis política. Para o avanço da sociedade, é necessário unificar esses dois campos; caso contrário, o saber permanecerá nas mãos de poucos, e o poder político retornará ao autoritarismo de épocas anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência de compreensão da realidade é fortemente presente no corpo cívico pós-moderno; sobrecarregando os indivíduos com informações efêmeras e, em muitos casos, banais, que prendem suas mentes em gaiolas das quais dificilmente escaparão. O excesso de estímulos das redes sociais e a abundância de conhecimento na internet não são utilizados adequadamente, visto que a população não busca o conhecimento, mas o entretenimento. O saber é passageiro e está nas redes, então a evitabilidade de estudar é a hegemonia contemporânea, com a tecnologia e os saberes avançando, mas a mentalidade humana ainda sendo a mesma observada ao longo dos séculos.

Portanto, mesmo após longas eras com os maiores intelectuais de cada tempo apontando um mesmo impasse, mas em circunstâncias distintas, isso é a representação

fidedigna da necessidade de ultrapassar o simples meio intelectual para uma questão efetiva através de uma revolução cultural que leve aos grandes meios de comunicação e da cultura uma abordagem eficiente da consciência - especialmente em uma época que demonstra ser a máxima apontada por Bauman, com o acesso às tecnologias, como as IA's (Inteligências Artificiais) que estão substituindo a inteligência humana ao ponto de que o ser será apenas uma massa corpórea ambulante, mas sem espírito e cognição suficientes para representar um ser que um dia já foi. A revolta contra a modernidade representa a única solução como meio de obtenção da libertação de uma era tão trágica, pois segundo o estudioso francês de esoterismo René Guénon:

Parece que uma paragem a meio do caminho já não será possível e que, segundo todas as indicações fornecidas pelas doutrinas tradicionais, entramos realmente na fase final de “Kali-Yuga”, no período mais sombrio desta “Idade Sombria”, neste estado de dissolução do qual não é mais possível sair senão por um cataclismo, porque não é já necessária apenas uma simples recuperação, mas antes uma renovação total. A desordem e a confusão reinam em todos os domínios; foram levadas a tal ponto, que ultrapassam de longe tudo o que se tinha visto anteriormente e, partindo do Ocidente, ameaçam agora invadir o Mundo inteiro (GUÉNON, 2007, p. 18-19).

A ausência do “eu” enquanto princípio definidor do homem, que leva a vida a partir do possuir e não do aprimorar-se e buscar a virtude, representa um dos males do homem moderno. Principalmente, ao observar a cultura hegemônica que profanou a arte através de sua reproduzibilidade, levando consigo a sua aura verossimilhante humana, conduzindo a angústia de ser humano ao máximo. Além da consciência da morte de si e de seus semelhantes, que possibilita amá-los e o diferencia dos animais não-humanos (SPENGLER, 1973), está a escolha do caminho do abismo angustiante da vida vazia dos prazeres mundanos e da aparência perante outros tão indiscutivelmente solitários quanto ele. O profeta de si mesmo dilui-se, sobrando apenas fragmentos de algo que um dia já foi, tornando-se um mártir isolado e segregado dos outros, com a modernidade representando o fidedigno declínio do ser. Lembrar que é humano é a agitação de seu interior, que reflete instantaneamente em seu exterior, levando ao caráter de indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marcelo de Almeida. **O Marxismo Exposto**. 1. ed. São Paulo: Flos Carmeli Edições, 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRECHANI, Carlos Eduardo. **Marxismo: Na Contramão do Bom Senso**. 1. ed. São Paulo: Maquinaria Editorial, 2020.
- DURAND, Jean-Pierre. **A Sociologia de Marx**. Trad. Monica Stahel. Petrópolis: Vozes Ltda, 2016.
- ENGELS, Friedrich. **Princípios Básicos do Comunismo**. Trad. José Barata-Moura. Editorial "Avante!", 1982.
- GUÉNON, René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. São Paulo: Constantino Kairalla Riemma, 2007.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. Trad. Tomas da Costa. Petrópolis: Vozes Ltda, 2022.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes Ltda, 2019.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. José Barata Moura. "Avante!", 1997.
- MEREZHKOVSKY, Dmitry Sergeyevich. **Les Mystères de L'Orient**. 6. ed. Paris: Fr. L'Artisan Du Livre, 1927.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- SPENGLER, Oswald. **A Decadência do Ocidente**. Trad. Hebert Cabo. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.